



Psicologia USP
ISSN: 0103-6564
revpsico@usp.br
Instituto de Psicologia
Brasil

Gellis, André; Lima Hamud, Maria Isabel
Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente
Psicologia USP, vol. 22, núm. 3, julio-septiembre, 2011, pp. 635-653
Instituto de Psicologia
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305123741006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

SENTIMENTO DE CULPA NA OBRA FREUDIANA: UNIVERSAL E INCONSCIENTE¹

André Gellis
Maria Isabel Lima Hamud

Resumo: O projeto de pesquisa do qual resulta este artigo teve como objetivo geral “investigar a trajetória teórica da noção de sentimento de culpa na obra freudiana”. Dentre os resultados obtidos, optamos por discorrer especificamente sobre a dualidade “culpa universal/culpa individual” e a qualidade inconsciente atribuída à culpa. Na constatação da díade da culpa tratamos a universalidade do sentimento de culpa – que aparece constantemente em formas de religiosidade – e discorremos acerca da cobrança específica que o Supereu faz ao Eu. A qualidade inconsciente da culpa aparece inúmeras vezes, culminando na discussão acerca de como é possível ser inconsciente o que é sentimento.

Palavras-chave: Psicanálise. Culpa. Inconsciente. Supereu.

A partir de uma leitura cronológica, subsidiada por textos biográficos ou relacionados, percebe-se que o interesse de Freud pelo sentimento de culpa não surgiu nitidamente, pelo contrário, fica claro que Freud constatou a importância

1 Artigo produzido a partir do relatório final do projeto de iniciação científica financiado pela FAPESP – processo número: 2007/59933-5 – aprovado em abril de 2009 (Hamud & Gellis, 2009).

Trabalho dedicado a Osman Mustafá Hamud – *in memoriam*.

do mesmo em diversos momentos e situações, mas não se preocupou em dedicar um estudo aprofundado e específico sobre a culpa. Entende-se que isso se deve ao fato de Freud não tê-la investigado diretamente, pois focava seu estudo nas neuroses e no inconsciente quando se deparou com expressões da culpa. Nesse sentido, ela perpassa a teoria psicanalítica desde os primeiros trabalhos de Freud, quando ele apenas conjecturava acerca dos mecanismos psíquicos (em seus rascunhos, por exemplo) sem qualquer pretensão de publicação, pois muitas ideias ainda estavam em desenvolvimento e era difícil colocá-las à prova. Neste período, é possível identificar a culpa a partir de termos relacionados, tais como autocensura e remorso, que não são definidos, nem caracterizados.

Noção crucial em psicanálise, o sentimento de culpa aparece frequentemente relacionado à moral e à ética, bem como à emergência do supereu e ao desenvolvimento e sobrevivência da civilização. A culpa é tida como um sentimento universal que sustenta a vida gregária, mas que também se relaciona, no sujeito, à causação das neuroses. Dada essa universalidade, em contrapartida à culpa individual, inconsciente, tem-se que o vislumbre da evolução teórica da culpa, bem como a análise da relação e manifestação da mesma e de seus diversos aspectos, no grupo, na cultura, na civilização e finalmente no próprio sujeito, são pontos relevantes ao estudo e compreensão do sentimento de culpa para a teoria psicanalítica.

1 Culpa Universal e Culpa Individual

Em muitos textos, especificamente em “Totem e Tabu” (1913), “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” (1921) e “O Futuro de uma Ilusão” (1927), Freud apresenta o antagonismo irremediável entre as exigências da sociedade e a moção pulsional, considerando tal incompatibilidade como ameaça constante à sobrevivência da civilização, uma vez que os impulsos agressivos e hostis sempre procuram um meio para se expressar. É exatamente por isso que a civilização se beneficia do agente interno que vigia o sujeito e o condena com a emergência da culpa. Após inúmeras reflexões e trabalhos, em 1929, em “O mal-estar na cultura” Freud conclui que a civilização consegue, de uma maneira ou de outra, dominar o perigoso desejo de agressão, enfraquecê-lo, desarmá-lo e estabelecer no interior do sujeito um agente para conter o desejo. Isso porque esse agente – o supereu – vigia o eu e está pronto a condená-lo, intensificando o sentimento de culpa que sustenta a civilização. Para chegar a essa conclusão Freud teve de percorrer um trajeto minucioso de pesquisas e investigações em que ora se destaca a universalidade da culpa, na tentativa de explicar o cerne da civilização, ora se atenta à neurose e à culpa que atormenta o sujeito.

Em “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907), Freud elabora certa comparação que pode auxiliar na compreensão da culpa em suas variáveis individual e coletiva. Ao tratar de cerimonial como um conjunto de condições que devem ser preenchidas, Freud aponta que o ritual obsessivo aparenta ser um cerimonial, com a diferença de que no cerimonial religioso todo e qualquer detalhe é significativo e possui algum sentido simbólico, enquanto o ritual obsessivo é destituído de qualquer sentido manifesto e parece absurdo, inclusive ao próprio obsessivo, que, apesar de não conseguir escapar ao ritual, reconhece a falta de lógica em seus atos.

A investigação psicanalítica dilui o aspecto absurdo dos atos obsessivos ao revelar que eles possuem um sentido [inconsciente] e que é pelo mecanismo de deslocamento psíquico que ocorre a substituição do elemento real e importante por um trivial. Assim, tem-se que o ritual obsessivo surge como um ato de defesa ou de segurança, uma espécie de *medida protetora*; sendo que o que está oculto para o sujeito é a conexão entre a ocasião em que a angústia surge e o perigo que ela aponta. Comparativamente, verifica-se que as práticas devotas nos cerimoniais dos indivíduos religiosos também se caracterizam como empreendimentos cujo principal objetivo é a execução de *medidas protetoras*, que visam garantia de segurança.

Freud percebe que tanto cerimoniais religiosos como rituais obsessivos surgem com duas características: a de buscar proteção contra impulsos hostis internos (tentação/pecado) e evitar o mal esperado (um castigo, punição ou penitência). Percebe também que existem, em ambos, leis e proibições, cuja função é expiatória. Em seguida, Freud trata da formação da religião, que se baseia na supressão ou renúncia de certos impulsos instintuais – dos quais procedem, por exemplo, os mandamentos –, e verifica que o sentimento de culpa resultante de uma tentação contínua e a angústia sob a forma de temor da punição divina são conhecidos há mais tempo no campo da religião do que no campo das neuroses. Posteriormente, a renúncia dos impulsos será abordada na obra freudiana como elemento crucial, juntamente com a intensificação do sentimento de culpa, das bases do desenvolvimento da civilização.

Diante dos paralelos e analogias entre neurose obsessiva e religião, Freud (1907/1969) conclui: “pode-se considerar a neurose obsessiva um correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal” (p. 116).

As relações entre a religião, que mitiga a culpa universal, e a neurose obsessiva, que acolhe a culpa individual, aparecem também em “Leonardo da Vinci e uma Lembrança de Sua Infância” (1910), no qual Freud fala sobre a ousadia e independência intelectual de Leonardo. Dentre muitos aspectos de sua genialidade, Freud se interessa justamente pelo

que parece ser apenas um “detalhe” na história daquele homem tão brilhante: sua fria rejeição da sexualidade. Freud afirma que os afetos do gênio italiano eram controlados e submetidos à pesquisa, o que não significa que ele fosse insensível à paixão, ele apenas “convertera sua paixão em sede de conhecimento... entregando-se à investigação com a persistência, constância e penetração que derivam da paixão” (Freud, 1910/1969, p. 69). É notável a capacidade que Leonardo desenvolveu de sublimar seus impulsos sexuais, tanto em suas expressões artísticas como em sua curiosidade e interesse intelectual. Segundo Freud, esse destino só foi possível porque a libido escapou ao recalque, podendo ser investida e sublimada em suas pesquisas.

Freud verifica ainda fato e característica importantes na história de Leonardo: a ausência de seu pai durante sua tenra infância e a minuciosidade com que ele fazia anotações em um diário, o que lhe chamou atenção, pois apontava uma possível neurose obsessiva. A falta do pai explicaria a fraqueza do mecanismo de recalque, indicando a existência das pesquisas sexuais infantis não inibidas e, por conseguinte, a aparente ausência do sentimento de culpa. Além disso, o convívio com a mãe biológica, pobre e abandonada, bem como sua decepção com os desdobramentos da fantasia do abutre,² possivelmente estão na origem do sentimento de repulsa que desenvolveu por mulheres.

Freud atenta em diversos momentos para a curiosidade infantil e demonstra que a especulação das crianças sobre a vida sexual produz fundamentos concretos ao psiquismo e se relaciona com a culpa. O pensamento vigente à época era o de que a sexualidade emergia apenas com a puberdade, mas Freud descreveu a sexualidade infantil e se contrapôs à ideia de que a sexualidade concerne apenas à idade adulta. Assim, a criança pode atribuir a si mesma uma imensa culpa por sua curiosidade infantil, ou ainda a culpa derivada do medo de perder o amor dos pais ou do temor da punição, o que pode gerar inúmeros desdobramentos futuros. Tal compreensão, se não justifica, ao menos explica a marcante independência que Leonardo apresenta em relação a seus próprios sentimentos e também aos demais seres humanos, não necessitando e nem dependendo de qualquer figura de autoridade.

Freud resgata a ideia da necessidade humana de se apoiar em alguma autoridade, já que o ser humano nasce em um estado de completa dependência, e afirma: “No entanto, Leonardo pôde dispensar este apoio; não teria podido fazê-lo se nos primeiros anos de sua vida não tivesse aprendido a viver sem o pai” (Freud, 1910/1969, p. 112).

Relacionando aquela dependência inicial à necessidade de uma autoridade, Freud conclui que o complexo parental se encontra também

2 Descrita e detalhada no referido texto (Freud, 1910/1969, pp. 76-85).

nas raízes da necessidade de religião, pois o “sentimento religioso” se origina na e com a constatação da longa dependência e fragilidade humana, estendidas para além da vida cotidiana. Em vista disso, Freud consegue estabelecer o motivo pelo qual a religião se faz uma neurose coletiva e livra o sujeito de uma neurose individual:

A proteção contra doenças neuróticas que a religião concede aos seus crentes é facilmente explicável: ela afasta o complexo parental, do qual depende o sentimento de culpa, quer no indivíduo, quer na totalidade da raça humana, resolvendo-o para ele, enquanto o incrédulo tem que resolver sozinho seu problema. (Freud, 1910/1969, p. 113)

Pouco depois de escrever sobre as teorias sexuais infantis e refletir sobre o papel que pais, educação e sociedade exercem sobre as mesmas, em 1908, Freud escreve o artigo “Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna”, sob a influência do livro *Ética sexual* de Von Ehrenfels (1907). Segundo nota do tradutor inglês, este artigo é a primeira das longas exposições que Freud faz sobre o antagonismo entre a civilização e a demanda pulsional. Escritos anteriores, no entanto, já revelavam a convicção que Freud tinha a esse respeito, como, por exemplo, em cartas enviadas a Fliess e em seus “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, publicado em 1905, onde afirma que é inversa a relação existente entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade.

Todas essas considerações convergem para um caminho inevitável: buscar a origem da culpa e explicar o surgimento da civilização, da moral e, inclusive, da religião. Em 1913, Freud publica seu inestimável “Totem e Tabu – Alguns Pontos de Concordância entre a Vida Mental dos Selvagens e dos Neuróticos”, onde discorre sobre a horda primeva e os dois crimes fundantes: o incesto e o parricídio.

“Totem e Tabu” foi uma das mais brilhantes contribuições teóricas na explicação da relevância do sentimento de culpa no sujeito. A partir de estudos antropológicos sobre comunidades primitivas ainda existentes são abordados ritos e proibições fortemente arraigadas, como, por exemplo, o horror ao incesto e a exogamia. Em seu texto, Freud sugere que existem inúmeras semelhanças e pontos de concordância entre a psicologia dos povos primitivos – retratada pela antropologia social – e a psicologia dos neuróticos, foco da psicanálise. Nesse sentido, o estudo da primeira teria muito a contribuir com o desenvolvimento da psicanálise. É importante destacar também a relevância da infância, uma vez que, para Freud, o homem selvagem e o neurótico assemelham-se muito às crianças. Um neurótico apresenta invariavelmente certo grau de infantilismo psíquico: ou falhou em libertar-se das condições psicosexuais que predominavam em sua infância (inibição) ou a elas retornou (regressão).

Freud elege para seu estudo em “Totem e Tabu” o povo aborígene da Austrália, pois são descritos por antropólogos como “um dos mais miseráveis e atrasados selvagens”. Um dos elementos que mais lhe chama a atenção nas tribos daquele povo é o horror ao incesto e uma preocupação excessiva com sua prevenção, sendo este punido até quando ocorre entre animais. Pois, se aquele povo primitivo, canibal e desnudo, não desenvolveu qualquer tipo de moral civilizada, era de se esperar que não houvesse restrições à vida sexual e que sua sexualidade não se sujeitasse a normas. No entanto, o que se verificou foi que “eles estabelecem para si próprios, com o maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações sexuais incestuosas” (Freud, 1913/1969, p. 7). É como se houvesse uma espécie de “lei” contra a união e o relacionamento sexual entre pessoas de um mesmo clã, ainda que sejam de famílias biológicas diferentes.³ Tal constatação, apesar de ir contra o esperado, não constitui surpresa para Freud, já que muito antes ele imaginava uma possível relação entre a proibição do incesto e a civilização: em 1897, Freud escreveu a Fliess (“Rascunho N” (Freud, 1897b/1969)) que o incesto é antissocial e a civilização consiste numa progressiva renúncia a ele.

Entre os aborígenes da Austrália, o tabu do incesto é tão forte que a sua violação é vingada de maneira enérgica por todo o clã, diferentemente do que ocorre quando outras proibições (matar o totem, por exemplo) são violadas e o “castigo”, isto é, a punição, é automática, como se um desastre ou infortúnio atingisse, inevitavelmente, o violador. Freud percebe que naquele caso específico a comunidade tende a punir os transgressores de maneira brutal. Com isso, suspeita que deveria existir também uma culpa coletiva, já que, se o transgressor ficasse imune, todo o povo poderia ser punido ou castigado; Freud passa então a abordar a culpa a partir da necessidade de castigo.

Para compreender e explicar a culpa coletiva, Freud precisou recorrer ao mito científico darwiniano da Horda Primeva em que os filhos teriam se unido para assassinar o Pai primevo. Mas com a morte do pai, ao invés de satisfação e liberdade, os filhos se depararam com o remorso e o temor de uma punição; assim, adotaram um totem (frequentemente um animal) como substituto sagrado do pai, o qual era venerado e inviolável, provocando uma espécie de reconciliação⁴ que pudesse amenizar a culpa e ajudar a esquecer o crime cometido. Por esse motivo, o totemismo pode ser considerado uma primeira tentativa de religião. A religião totêmica teria surgido do sentimento filial de culpa, num esforço para mitigar esse sentimento e apaziguar o [furor do] pai com a mais cautelosa

3 O clã é determinado pelo laço totêmico independentemente dos laços de sangue.

4 A reconciliação poderia ser feita através da refeição totêmica, que se repete sob a forma de sacrifício e cujo significado é buscar a santificação através da participação naquela refeição comum.

obediência a ele; para Freud, todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema.

Em 1939, em três ensaios compilados em “Moisés e o monoteísmo”, Freud apresenta algumas teses acerca da religião monoteísta. Dentre elas, a tese elaborada sobre o assassinato de Moisés traz um desdobramento importante à compreensão da origem da culpa coletiva, pois acrescenta esse fardo [mais um assassinato] à sua fonte. Freud destaca que aquela culpa ultrapassou os limites grupais: “ela tinha se apoderado de todos os povos do Mediterrâneo, como um vago mal-estar, como uma premonição cataclísmica” (Freud, 1939/1969, p. 131).

Ainda em “Totem e Tabu”, Freud faz algumas analogias entre a neurose obsessiva e a religião ao identificar que as proibições obsessivas envolvem renúncias e restrições bastante extensivas, assim como as proibições do tabu e da religião, e percebe que algumas restrições podem ser suspensas se certas ações forem realizadas; assim, tais ações logo se tornam atos compulsivos que se repetirão indefinidamente: elas são da mesma natureza que a expiação, a penitência, a purificação ou até as medidas defensivas. O sentimento moral procede da mesma fonte da qual se originou a religião, porém esse é fruto simultaneamente da exigência da sociedade e da penitência que o sentimento de culpa estabelece.

Após “Totem e Tabu”, a questão da culpa coletiva ou individual aparecerá em 1914 no texto “Sobre o Narcisismo – uma Introdução”, quando Freud fala sobre o ideal do eu e a instância resultante, o supereu. Com o conceito de narcisismo Freud avançou bastante na compreensão do sentimento de culpa, pois a construção de uma noção de *ideal do eu* e, posteriormente, de *supereu*, exemplifica a exigência da qual se deriva a culpa no sujeito. Laplanche e Pontalis apontam o ideal do eu como uma formação intrapsíquica relativamente autônoma que serve de referência ao eu para apreciar suas relações afetivas e afirmam que “sua origem é principalmente narcísica” (Laplanche & Pontalis, 2004, p. 222). Freud afirma que o ideal do eu revela um importante cenário para a compreensão da psicologia de grupo, pois além de seu aspecto individual, esse ideal apresenta um aspecto social, que constitui o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação. Para Freud, o ideal vincula não somente a libido narcísica da pessoa, mas também uma quantidade considerável de sua libido homossexual,⁵ que retorna ao eu.

É através dessa compreensão que Freud apreende o sentimento de culpa em sua esfera social: “A falta de satisfação que brota da não realização de um ideal libera a libido homossexual, sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social)” (Freud, 1914/1969, p. 108). Sabe-se que originalmente, na vida psíquica, o sentimento de culpa era

5 Refere-se à identificação narcísica ao ideal, que diz respeito ao investimento sexual no próprio eu.

produto do temor da punição pelos pais, isto é, a expressão do medo de perder o amor dos pais; mais tarde os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas na comunidade, o que leva à “ansiedade social”, que, apesar de se apresentar enquanto culpa individual, nasce graças à vivência coletiva.

Em 1915, Freud descreve o sentimento de culpa e o relaciona à atitude adotada diante da morte; em “Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte” ele fala que a história primitiva da humanidade está repleta de assassinatos e aponta que o obscuro sentimento de culpa ao qual a humanidade tem estado sujeita desde épocas pré-históricas e que, em algumas religiões, foi condensado na doutrina da culpa primeva, do pecado original, é provavelmente o resultado de uma culpa de homicídio em que teria incorrido o homem pré-histórico. No mesmo texto Freud discorre sobre a ambivalência de sentimentos que se apresentava no período de guerra, pois ao mesmo tempo em que o homem podia matar seus inimigos sem o menor escrúpulo, ele realizava rituais de purificação e isolamento para livrar-se da culpa decorrente de seu ato e do medo da vingança do espírito morto.

Segundo Freud,

Ao lado de um corpo sem vida, passou a existir não só a doutrina da alma, a crença na imortalidade e uma poderosa fonte de sentimento de culpa do homem, mas também os primeiros mandamentos éticos. A primeira e mais importante proibição feita pela consciência que despertava foi: não matarás. (Freud, 1915b/1969, p. 305)

Concomitante à exigência ética havia o medo da própria morte, que também é reflexo do sentimento de culpa.

Com a formulação do complexo de Édipo, o sentimento (universal) da culpa é presentificado e revivido individualmente, no que Freud identifica como intensos desejos de morte (desejo de matar o pai); estes podem se transfigurar em medo consciente da própria morte (como vingança) graças à ação da instância interna opressora que se origina com a resolução do Édipo – o *supereu*. Para Freud, à época do crime primevo, a autoridade era externa ao sujeito; agora, com a emergência do supereu e a internalização das normas, a instância opressora lhe é interna. Isso configura um problema: apenas uma renúncia não seria suficiente, uma vez que o desejo persiste e não escapa ao supereu. A culpa é compreendida, portanto, como sendo a forma pela qual o eu percebe a crítica do supereu. É, pois, um sentimento de indignidade. Há um ideal do eu que “critica” o eu e este se sente indigno do ideal.

Finalmente, em “O mal estar na cultura” (1930 [1929]), Freud reconhece duas origens para o sentimento de culpa: a angústia diante da autoridade, e, posteriormente, a angústia diante do supereu. A culpa se de-

lineia, então, não mais como um sentimento difuso, e sim um sentimento onipresente e universal: uma infelicidade interior contínua. No texto, fica claro que a sobrevivência da civilização só é possível com a exigência da supressão e renúncia dos impulsos do sujeito, o que intensifica o sentimento de culpa. Assim, para a sobrevivência da civilização e evolução da cultura existem elevadas normas de conduta moral às quais cada pessoa deve se adequar, controlando seus impulsos e renunciando a satisfações. Portanto, como Freud afirmou em *O mal-estar*, “pode-se representar o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização” (Freud, 1930[1929]/1969, p. 96).

Freud constatou, pois, o percurso das exigências às quais o sujeito, em toda a história, se submete: primeiramente é obrigado a inibir seus impulsos pela soberania do pai primevo, posteriormente, se submete à lei paterna no complexo de Édipo, até se restringir pela internalização da moral na instância do supereu, represar seus impulsos pelas normas religiosas e, finalmente, se enquadrar aos padrões sociais, sempre em razão da culpa intrínseca, à qual não é capaz de escapar.

Pode-se dizer, portanto, que a culpa individual está íntima e diretamente relacionada à culpa coletiva e que decorre não só de seu histórico, mas é produto da condição de dependência primária do ser humano e de sua vivência grupal.

2 Sentimento *Inconsciente* de Culpa

A questão do inconsciente não apenas perpassa toda a teoria freudiana como também é uma das noções mais essenciais à psicanálise. Desde o “Projeto para uma Psicologia Científica” (1895) Freud se interessa por estudar mecanismos psíquicos. Até formular suas duas tópicas do aparelho psíquico Freud atravessa uma trajetória repleta de percalços e evolui de uma noção baseada em elementos quantitativos (impulsos neurológicos) à dinâmica qualitativa do psiquismo. Em “A Interpretação dos Sonhos” (que começou a ser escrita em 1895 e foi publicada em 1899) Freud dá um salto qualitativo na teoria psicanalítica ao abandonar a supervalorização da consciência e destacar que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, de maneira a assegurar que a interpretação é a via real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes.

Em 1901, no capítulo “Determinismo, crença no acaso e superstição” de “Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana” Freud recorre ao exemplo clínico da paranoia para demonstrar a existência de conhecimento inconsciente, uma vez que considera que não há nada que possa ser arbitrário ou indeterminado no psiquismo. Neste, a culpa aparece num exemplo da ocorrência de um número que um leitor relatou a Freud: ao ler que todo número evocado à consciência de modo aparentemente arbitrário

tem um sentido definido, o leitor resolveu testar essa hipótese, pensou em um número e analisou o que poderia ter determinado sua escolha, até que chegou a números da Biblioteca Universal e percebeu que o número que inicialmente lhe ocorrera, quando decomposto, chega ao número das peças *Menschenhass und Reue* (Misantropia e remorso) e *Die Schuld* (A culpa) e conclui por si mesmo: “Meu estado psíquico atual é de misantropia e remorso....Sou constantemente atormentado pela ideia de que, por minha culpa, não cheguei a ser o que minhas aptidões teriam permitido” (Freud, 1901/1969, p. 292).

No mesmo capítulo, Freud fala sobre a superstição ser uma expectativa de infortúnio: uma pessoa que deseja o mal a outrem, tendo sido educada com preceitos morais e, por isso, recai sua hostilidade no inconsciente “será especialmente propensa a esperar o castigo por sua maldade inconsciente como um infortúnio que a ameaça de fora” (Freud, 1901/1969, p. 311). Esse “castigo” diz respeito à necessidade de punição que, atrelada à culpa [inconsciente], pode aparecer de diversas formas. Freud ainda não falava de sentimento inconsciente de culpa, mas, ao investigar o determinismo psíquico que se apresenta nos atos falhos e se revela no mecanismo da formação dos sonhos, constatou expressões inconscientes da culpa.

Em 1906 Freud foi convidado a realizar uma conferência a estudantes de Direito sobre a psicanálise, a experiência de associação livre enquanto método de investigação e a teoria dos complexos de Zúrique. Essa conferência é apresentada no texto “A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos”, do mesmo ano. Freud fala sobre a falta de fidedignidade no relato de testemunhas, o que leva aquele público a se interessar pelo “método de investigação que se propõe a induzir o próprio réu a estabelecer sua culpa ou inocência” (Freud, 1906/1969, p. 95).

A investigação psicanalítica muito auxiliou na revelação de conteúdos inconscientes nos neuróticos e, nesse sentido, aproximou o neurótico do criminoso, uma vez que se depara com os crimes do incesto e do parricídio no complexo de Édipo. Outra semelhança é o fato de que ambos possuem um segredo oculto; no entanto, o criminoso oculta algo intencionalmente, enquanto, para o neurótico, o segredo está oculto de sua própria consciência, isto é, não está apenas esquecido, mas fortemente recalado. É como se o neurótico ignorasse seu próprio segredo e o criminoso simulasse tal ignorância. Além disso, os segredos oferecem resistência para serem revelados, porém, a resistência no tratamento analítico situa-se na fronteira entre o consciente e o inconsciente e pode ser combatida pelo próprio paciente através de esforços conscientes, objetivando a cura; o que não ocorre com o criminoso, pois este não cooperará, já que seu objetivo é manter o crime em sigilo, não revelá-lo, e sua resistência origina-se totalmente da consciência.

Assim, Freud retoma a noção de determinismo psíquico na tentativa de articular uma possível contribuição da psicanálise para aqueles casos, mas aponta outra dificuldade, uma vez que o material psíquico recalcado no neurótico atormenta o paciente da mesma forma que uma consciência culpada. E assinala uma complicação: “Os senhores, em sua investigação, podem ser induzidos a erro por um neurótico que, embora inocente, reage como culpado devido a um oculto sentimento de culpa já existente nele e que se apodera da acusação.” (Freud, 1906/1969, p. 103). Nessa conferência aparece o questionamento de Freud acerca da qualidade inconsciente do sentimento de culpa, enquanto uma possibilidade, mas esta ainda não é diretamente atribuída à culpa.

Freud retoma a infância para elaborar a hipótese da culpa não consciente e cita um exemplo facilmente verificável, quando uma criança acusada de uma transgressão qualquer nega sua culpa, mas chora como um condenado. Freud afirma que mesmo parecendo que a criança mentiu ao alegar inocência, muitas vezes ela de fato não cometeu a transgressão da qual é acusada, mas o seu choro pode denunciar uma outra falta qualquer que tenha cometido. Segundo Freud, “[a criança] fala a verdade ao negar ser culpada da primeira transgressão, ao mesmo tempo em que revela seu sentimento de culpa proveniente de outra falta⁶” (Freud, 1906/1969, p. 103). Em “Dostoiévski e o Parricídio”, ao discorrer sobre o complexo de Édipo masculino, afirma que é pelo temor à castração que o menino abandona seu desejo de possuir a mãe e livrar-se do pai; e acrescenta: “na medida em que esse desejo permanece inconsciente, constitui a base do sentimento de culpa” (Freud, 1928/1969, p. 189).

Em “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907), segundo nota do tradutor, surgirá pela primeira vez explicitamente o termo “sentimento *inconsciente* de culpa”, que desempenhará papel tão importante nos escritos posteriores de Freud, como em “O Ego e o Id” (1923). Naquele texto, Freud afirma que nos atos obsessivos, por mais que não pareça, tudo tem sentido e pode ser interpretado; afirma ainda que “o ato obsessivo serve para expressar motivos e ideias inconscientes” (Freud, 1907/1969, p. 113), uma vez que a pessoa que obedece à compulsão o faz sem compreender-lhe o sentido. Freud fala também sobre certo sentimento furtivo de angústia, como uma expectativa de infortúnios ligada, através da ideia de punição, à percepção interna dos sentimentos hostis recalcados. Essa mesma expectativa apareceu em relação à superstição citada anteriormente; o que reafirma a ligação entre o sentimento inconsciente de culpa e a necessidade de punição.

Ao estudar os atos obsessivos, Freud conclui: “Pode-se dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se esti-

6 A falta a que Freud se refere nesse caso, provavelmente, é derivada dos crimes no complexo de Édipo.

vesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denominá-lo de sentimento *inconsciente* de culpa.” (Freud, 1907/1969, p. 113; *itálicos nossos*). Nasio (2007) explica que a obsessão é resultado de um deslocamento da angústia de castração que passa do inconsciente para o consciente, cristalizando-se na forma de um sentimento de culpa; segundo ele, “a angústia inconsciente de ser espancado pelo pai transforma-se em angústia de ser punido pelo próprio supereu” (p. 116). Essa angústia que envolve a expectativa de um castigo é o próprio sentimento de culpa.

Em “Totem e Tabu” (1913) Freud esboça certa tentativa de apreender a relação do sentimento de culpa com o inconsciente. Freud entende que as expressões do ódio não eram permitidas na horda primeva – o que fazia com que aquele afeto se mantivesse recalcado no inconsciente – e a violação de qualquer norma gerava certo sentimento de culpa, que foi intensificado com o parricídio. Ao chamar a atenção para o fato de uma sensação de culpa ter em si muito da natureza da angústia, Freud descreve essa sensação como um “pavor da consciência”. É essa relação entre a culpa e a angústia que, neste momento, possibilita a visualização das fontes inconscientes:

A psicologia das neuroses nos fez ver que, se impulsos cheios de desejos forem reprimidos, sua libido se transformará em angústia.⁷ E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido. (Freud, 1913/1969, p. 43)

Foi somente em 1915, no artigo “O Inconsciente”, que a questão da culpa inconsciente foi esclarecida. Neste, Freud diferencia ideias de afetos: as primeiras seriam traços de memória que aparecem como representações psíquicas, enquanto os afetos e emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos. Com essa distinção, Freud questiona a possibilidade de haver impulsos, emoções ou sentimentos inconscientes, já que são sentidos e percebidos pela consciência, e conclui: “é certamente da essência de uma emoção que estejamos conscientes dela... Assim, a possibilidade do atributo de inconsciência seria completamente excluída no que diz respeito a emoções, sentimentos e afetos” (Freud, 1915a/1969, p. 182). Nesse mesmo artigo, Freud afirma ser possível falar sobre moção pulsional inconsciente, mas destaca que, ao denominar como inconsciente um

7 Posteriormente, em 1926, no texto “Inibições, Sintoma e Angústia”, Freud abandonará a ideia de angústia enquanto libido represada e passará a considerá-la como reação a uma situação de perigo ou traumática, assim, será a angústia a responsável pelo recalçamento e não resultante dele.

sentimento ou pulsão, faz-se necessariamente referência a algo cuja representação ideacional é inconsciente. Freud entende que pode ocorrer de uma emoção ou afeto ser sentido e mal-interpretado, isso porque o recalque do representante adequado daquele afeto forçou-o a se ligar a outra ideia; assim, a consciência considera, erroneamente, o afeto sentido como sendo expressão da ideia substituta. É importante destacar que é exatamente esse processo que ocorre na neurose obsessiva.

Considerando o recalque sofrido pela ideia original, Freud explica a licença da denominação “sentimento inconsciente de culpa”:

Se restaurarmos a verdadeira conexão, chamaremos o impulso afetivo original de inconsciente, contudo, seu afeto nunca foi inconsciente, o que aconteceu foi que sua ideia sofreu repressão. Em geral, o emprego das expressões “afeto inconsciente” e “emoção inconsciente” refere-se a vicissitudes sofridas, em consequência da repressão, pelo fator quantitativo no impulso instintual. (Freud, 1915a/1969, p. 182)

Freud afirma que as ideias inconscientes, mesmo após o recalque, continuam a existir e tentam se manifestar na consciência e que o afeto inibido em seu desenvolvimento pode aparecer enquanto angústia.

Em 1923, Freud publica “O Ego e o Id”, em que trata da segunda tópica do aparelho psíquico, na qual se apresentam as estruturas do eu, do isso e do supereu. A partir de uma perspectiva dinâmica, Freud analisa a função do eu, que deve conciliar as pressões do isso com os ideais do supereu e com a realidade externa. O importante aqui é que a instância inconsciente deixa de ser tratada somente como um lugar para então ser compreendida em sua dimensão dinâmica e econômica, tornando-se a qualidade que perpassa todas as estruturas – isso, eu e supereu. Assim, Freud afirma que, desde o início, atribuiu às tendências morais do eu a função de incentivar o recalque. Ele explica que, se o conteúdo recalcado tiver acesso à consciência, a autocensura ligada a ele irá emergir sem modificações; porém, como o conteúdo emerge de maneira disfarçada (por exemplo: sonhos, atos falhos e chistes), não atrai atenção [consciente] para si, o que aparece é simplesmente um sentimento difuso de culpa sem qualquer conteúdo e, por isso, denominado inconsciente.

Ao considerar a dinâmica do inconsciente, Freud aponta que a culpa inconsciente se manifesta também no tratamento analítico e explica certa resistência derivada do eu durante a análise: a reação terapêutica negativa, apresentada no quinto capítulo, intitulado “Estados de dependência do eu”, quando elucida importantes aspectos da dinâmica e funcionamento do supereu. Segundo Freud, “o sentimento de culpa que está encontrando sua satisfação na doença se recusa a abandonar a punição do sofrimento” (Freud, 1923/1969, p. 62). O sentimento de culpa se apresenta nesses casos como uma resistência à cura, bastante difícil de superar.

O supereu, que também é, em grande parte, inconsciente, é então apresentado, em suas relações com o ideal do eu, como uma instância autocrítica capaz de julgar e oprimir o eu; Freud pontua a censura moral e afirma que “a tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do eu é experimentada como sentimento inconsciente de culpa” (Freud, 1923/1969, p.49). Em 1924, no texto “O problema econômico do masoquismo”, Freud volta a essa questão e afirma que a utilização do termo “sentimento inconsciente de culpa” é psicologicamente incorreta, já que sentimentos não podem ser descritos como “inconscientes”. Porém, a partir da necessidade de punição, explica que a tensão entre o eu e o supereu refere-se à reação do eu mediante a percepção de que não correspondeu às exigências de seu ideal, ou seja, a tensão sentida como sentimento de culpa refere-se à angústia percebida pelo eu, sendo que esta última é que é inconsciente.

Agora é possível compreender que os afetos que são denominados como “inconscientes” foram inibidos em seu desenvolvimento pelo recalque e que, na verdade, o que é inconsciente não é o afeto, mas sim a representação original do mesmo e a carga libidinal ligada àquela. Portanto, falar de “sentimento *inconsciente* de culpa” significa dizer que o representante psíquico original da culpa foi recalcado.

Sense of guilt in freudian work: universal and unconscious

Abstract: In the project entitled “Genesis and Development of the Concept of Sense of Guilt in the Freudian Work”, the research aims to “investigate the theoretical trajectory of the sense of guilt in the Freudian work.” That research has many results. We choose to talk about the duality “universal guilt/ individual guilt” and the unconscious guilt. First, the universality of the sense of guilt is discussed, which appears constantly in religion; but also we discuss specific demands Superego do to Ego. Besides, the unconscious guilt appears several times, culminating in the discussion about how feelings can be unconscious.

Keywords: Psychoanalysis. Guilt. Unconscious. Superego.

La culpabilité chez freud: universal et inconscient

Résumé: Intitulée « Genèse et développement de la notion de sentiment de culpabilité dans l'œuvre freudienne », ce projet de recherche avait comme objectif « d'investiguer la trajectoire théorique de la notion de sentiment de culpabilité dans l'œuvre freudienne ». Parmi les résultats obtenus, nous avons choisi de discuter plus spécifiquement sur la dualité « culpabilité universelle/ culpabilité individuelle » et sur la qualité inconsciente attribuée à la culpabilité. En ce qui concerne la constatation de la dyade de la culpabilité nous abordons l'universalité du sentiment de culpabilité – qui apparaît constamment sous forme de religiosité – et nous dissertons sur l'exigence spécifique du Surmoi à l'égard du Moi. La qualité inconsciente de la culpabilité apparaît à de nombreuses reprises, et amène à discuter comment il est possible que soit inconscient ce qui est sentiment.

Mots clés: Psychanalyse. Culpabilité. Inconscient. Surmoi.

Sentimiento de culpa en la obra freudiana: universal e inconsciente

Resumen: El proyecto de investigación que da origen a este artículo tuvo como objetivo general “estudiar la trayectoria teórica de la noción de sentimiento de culpa en la obra freudiana.” Entre los resultados obtenidos, optamos por analizar específicamente la dualidad “culpa universal/culpa individual” y la cualidad inconsciente atribuida a la culpa. En la constatación de la dualidad de la culpa tratamos sobre la universalidad del sentimiento en cuestión – que aparece constantemente en formas de religiosidad – y profundizamos acerca de la demanda específica del Superyo al Yo. La calidad inconsciente de la culpa aparece innumerables veces, culminando en la discusión acerca de cómo el sentimiento puede ser inconsciente.

Palabras clave: Psicoanálisis. Culpa. Inconsciente. Superyo.

Referências

Freud, S. (1969). Atos obsessivos e práticas religiosas. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 109-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)

- Freud, S. (1969). Carta 52. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 281-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (1969). Carta 72. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 317-318). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897a)
- Freud, S. (1969). Dostoievski e o parricídio. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 181-200). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928[1927])
- Freud, S. (1969). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 13-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1969). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 154-209). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1969). O inconsciente. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 163-210). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915a)
- Freud, S. (1969). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 5, pp. 541-646). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899)
- Freud, S. (1969). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 73-142). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1969). O mal estar na cultura. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929])
- Freud, S. (1969). Moisés e o monoteísmo – três ensaios. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 19-161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-1938])
- Freud, S. (1969). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 169-190). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)

- Freud, S. (1969). A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 95-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1906)
- Freud, S. (1969). Psicologia de grupo e análise do Ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1969). O problema econômico do masoquismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 173-188). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1969). Rascunho N. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 304-308). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897b)
- Freud, S. (1969). Reflexões para o tempo de guerra e morte. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, p. 285-310). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915b)
- Freud, S. (1969). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. Cap. 12: Determinismo, crença no acaso e superstição – alguns pontos de vista. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 6, pp. 287-332). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (1969). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 75-110). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1969). Totem e tabu – alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 17-192). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1969). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 152-162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Hamud, M. I. L., & Gellis, A. (2009). *Gênese e desenvolvimento da noção de sentimento de culpa na obra freudiana*. Relatório final de projeto de Iniciação Científica – FAPESP.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1994). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Nasio, J.-D. (2007). *Édipo – o complexo do qual nenhuma criança escapa*. (A. Telles, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

André Gellis, Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Bauru. Diretor do Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Unesp/Bauru. Orientador do projeto de pesquisa. Endereço para correspondência: Av. Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa. CEP: 17033-360, Bauru, SP, Brasil. Endereço eletrônico: agellis@fc.unesp.br

Maria Isabel Lima Hamud, Psicóloga, formada pela UNESP/Bauru. Especialista em Psicologia Jurídica pelo Instituto Sedes Sapientiae. Psicóloga na Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo. Diretora do Centro de Referências Técnicas da Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania. Endereço para correspondência: Rua Francisca Miquelina, 232, Bela Vista. CEP: 01316-000, São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: mhamud@sp.gov.br/isabel.hamud@yahoo.com.br

Recebido: 02/08/2010

Aceito: 08/04/2011